

## OS SALESIANOS E A EDUCAÇÃO NA BAHIA E EM SERGIPE-BRASIL (1900-1922)

ANTENOR DE ANDRADE SILVA \*

### Siglas e abreviações

AA. VV.	Autores vários
ACB	Arquivo do Colégio Salesiano da Bahia
ASC	Archivio Salesiano Centrale
ASSC	Arquivo do Salesiano do Sagrado Coração
BA	Bahia
BS	Bollettino Salesiano
FMA	Filhas de Maria Auxiliadora
ISS	Istituto Storico Salesiano
MG	Minas Gerais
RSS	Ricerche Storiche Salesiane
SDB	Salesianos de Dom Bosco
S d a	Sem a data e sem o autor
s d	Sem data
s dia	Sem o dia
s l	Sem o local

### Introdução

#### *Objetivo*

Neste trabalho apresentamos aos leitores uma sùmula<sup>1</sup> sobre o início, a evolução e a incidência social da presença e atividade salesianas nos Estados da Bahia e Sergipe, situados no Nordeste do Brasil.

#### *Período histórico*

O período histórico abordado, inicia com a fundação do Liceu Salesiano da Bahia 1900, continua com a abertura da Escola Agrícola S. José da Tebaida, em Sergipe 1902 e termina em 1920, com o fechamento daquela obra. Antes de descrevermos os fatos ligados diretamente à história salesiana, daremos rapidamente algumas informações a respeito da sociedade brasileira nos últimos anos do Império e na República Velha.

\* Salesiano brasileiro, membro do Istituto Storico Salesiano.

<sup>1</sup> No momento encontra-se no prelo um nosso estudo: *Os salesianos e a educação na Bahia e em Sergipe. Brasil 1900-1970*. Roma, LAS 2000.

### Metodologia

A organização e desenvolvimento do trabalho, teve como preocupação fundamental a busca das fontes arquivísticas. Baseou-se nos acervos centrais da Congregação Salesiana em Roma, inéditos em sua maior parte.

Outras fontes foram os Arquivos das Casas de Salvador, Recife, Aracaju, Niterói e do Centro de Documentação de Barbacena (MG), incluindo-se os arquivos fotográficos destas casas. Mesmo se as fotografias não fazem parte da obra, serviram para iluminar certas dúvidas.

Alguns sítios históricos como Tebaida e Canudos, Valdocco e o próprio Colégio de Valsalice foram objeto de nossa curiosidade e reverência científica. Pessoas que puderam fornecer determinadas informações foram também ouvidas.

Entre as fontes não salesianas estão bibliotecas, jornais de Salvador, Recife e Aracaju, as escavações do sítio arqueológico da Velha Catedral da Sé, onde tantas vezes estiveram os órfãos com sua Escola de Canto e sua banda. Os idiomas nos quais estão escritos os documentos pesquisados são o italiano, o português, o espanhol, o francês e o latim.

Fizemos o possível para vencermos as tentações – embora nem sempre tenhamos conseguido, – de emitirmos julgamentos ou juízos de valores, mesmo porque a complexidade das situações em que às vezes nos podemos encontrar em nossas atividades, podem levar-nos a determinadas posições ou atitudes aparentemente heterodoxas, quando na realidade nem sempre o são. É o que pensava padre Rota com respeito às críticas que se faziam ao padre L. Giordano em relação à Tebaida.

A paisagem pode ser diferente para quem está do outro lado da colina. «Além das núvens há mil sóis».<sup>2</sup> Por outro lado,

«a história não é nem justiceira nem justificadora, não deveria condenar nem absolver apressadamente. Sua tarefa essencial, não fácil, é compreender, acolher certos estados de ânimo, certas mentalidades, reconstruir suas raízes, para em seguida estudar os frutos, quaisquer que sejam».<sup>3</sup>

Evidentemente que o historiador não está imune às paixões. Max Bloch sintetizava a problemática afirmando que «uma palavra domina e ilumina os nossos estudos: *compreender*».<sup>4</sup> O leitor terá a possibilidade de sintetizar e refletir.

Nas transcrições ou citações seguimos as grafias originais. Fomos bastante pródigos nas citações das fontes. Talvez algumas notas sejam até demasiadas. No entanto, o adágio latino nos lembra que: «É melhor sobrar que faltar».<sup>5</sup> Acrescentamos as siglas usadas no texto e alguns termos do vocabulário salesiano.

<sup>2</sup> Provérbio hindu.

<sup>3</sup> Stanislaw ZIMNIAK, *Salesiani nella Mitteleuropa, Preistoria e storia della provincia Austro-Ungarica della Società di S. Francesco di Sales* (1866 ca.-1919). Istituto Storico Salesiano - Studio 10. Roma, LAS 1997, p. 25.

<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> «É melhor sobrar que faltar. *Melius est abundare quam deficere*».

### *Dificuldades*

O estudo demandou tempo, paciência e sofrido labor de pesquisa arquivística. Resumimos as dificuldades encontradas nos seguintes itens:

- Documentos deteriorados, sem início meio ou fim;
- Datas incompletas ou inexistentes;
- Remetentes ou destinatários desconhecidos;
- Períodos históricos com pouca ou nenhuma informação;
- Determinadas crônicas muito resumidas;
- Certos anos em que não se sabe o número de alunos, oratorianos e ex-alunos inscritos na Associação;
- Fotografias sem nenhuma indicação de datas, ocorrências ou nomes das autoridades presentes no momento da comemoração ou efeméride.

## **1. Pré-história**

### *Sociedade brasileira:*

#### *últimos anos do Império e primeiros decênios da República Velha*

O Brasil atravessou o fim do século XIX e entrou no século XX, em meio a diversas transformações. A característica do Império brasileiro (1822-1889) era marcadamente monárquica, escravocrata, agrícola e patriarcal. Sobretudo ao terminar a Guerra da Tríplice Aliança, um forte vendaval agitou a face do país. O clima de ebulição já havia começado antes mesmo da Proclamação da República com as chamadas *questões militar, servil e religiosa*.

Os militares queriam mais liberdade no que dizia respeito aos seus interesses, sobretudo em assuntos políticos. Nas senzalas os escravos começavam a se agitarem ouvindo e aplaudindo a grita da sociedade que pregava a abolição da escravatura. Os bispos e um grupo de padres viviam insatisfeitos com o relacionamento entre governo e igreja, esta detestada por positivistas e maçons. É neste clima que a partir de 1883, os salesianos começam a fundar suas obras no país.

### **Igreja**

A Igreja na grande Colônia portuguesa dos trópicos, desde os tempos da descoberta caminhava a reboque do Estado. Inicialmente atrelada à Coroa lusa, posteriormente ao Governo do Império brasileiro. A situação chegou a se transformar somente nos inícios de 1890, quando Estado e Igreja, tomou cada um seu rumo. Com o decreto 119/A (17 de janeiro de 1890), abolindo o Padroado, todos os cultos passaram no Brasil a gozar de plena liberdade.

### **Clero Diocesano**

Vivendo no meio de uma sociedade por demais permissiva e liberal em seus princípios morais, os padres seculares terminavam por serem enleados pelo

«modus vivendi» da época. Não obstante os esforços de algumas congregações religiosas e as leis civis que se batiam pela moralidade pública, mesmo assim não se conseguiu notáveis modificações. O grande número de homens, em relação às mulheres européias, facilitava e alimentava o fenômeno. Por outro lado, a presença constante e por vezes ostensivamente convidativa das mulheres indígenas e das escravas, evidentemente não afeitas à moralidade cristã, permeava o ambiente de uma aura sensual da qual era difícil fugir.<sup>6</sup> Pe. Luíz Guanella em um libreto, que lhe deu certas dores de cabeça, mas que diz da mentalidade reinante em Turim na época, escrevia em 1872:

«e encontra também em tal abundância as mulheres de mal comportamento, os escândalos, as representações obscenas, além dos teatros, dos divertimentos, dos albergues, que comparados com nossos povoados do interior, estes são como jardins eleitos de devoção... A América é um lugar onde se perde a fé por falta de assistência religiosa e pela grande abundância de “maus companheiros, que com insultos ou a violência direta te impedem de frequentar”»<sup>7</sup> [as igrejas].

Na Bahia bem como também nas demais áreas de concentração de sangue afro acrescentamos ainda um agravante de aspecto cultural: uma das afirmações de masculinidade do homem africano era a quantidade de filhos que gerava. Vindos para a América a natureza e os costumes não mudaram. Pe. L. Lasagna<sup>8</sup> e seu secretário Teodoro Massano<sup>9</sup> ficaram altamente impressionados, diria escandalizados, com o número de meninos e meninas negros que viram perambular pelo Rio, Bahia, Recife, S. Luiz.<sup>10</sup>

A situação dos padres, em relação às mulheres, era vista com certa naturalidade. Na capital do Império um senhor barão, homem de governo, perguntava tranqüilamente ao Pe. L. Lasagna se T. Massano era filho do Núncio Apostólico. Outro cidadão com ares de «literato e instruído» curiosa e lhanamente queria saber se o clérigo era filho do padre.

<sup>6</sup> Desde os princípios da Colônia que se costumava -se dizer que «abaixo do Equador não havia pecados».

<sup>7</sup> Pietro STELLA, *Don Bosco nella Storia della Religiosità Cattolica*. Vol. I. Roma, PAS-Verlag-Zürich 1968, p. 183.

<sup>8</sup> Luiz Lasagna nasceu em Montemagno, Itália em 3 de março de 1850. Faleceu em Juiz de Fora, num desastre ferroviário aos 6 de novembro de 1895. Integrou a segunda expedição missionária para a América do Sul em 1876. Em 17 março de 1893, Leão XIII o consagrou Bispo. Foi encarregado das Missões do Brasil, por isso mesmo chamado o Bispo dos índios Exerceu o ministério episcopal juntamente com o encargo de Inspetor.

<sup>9</sup> Jovem clérigo salesiano que aos 18 anos acompanhou Pe. Luiz Lasagna na viagem através do litoral brasileiro, do Rio a Belém. Nasceu no Piemonte aos 2 de setembro de 1864, falecendo no Uruguai em 10 de abril de 1893. Antônio FERREIRA, *Uruguay e Brasile visti dalle lettere di Teodoro Massano*, in RSS 3 (1983) 296-298.

<sup>10</sup> Entre os centros metropolitanos Rio e São Paulo teria existido uma grande fazenda especializada na reprodução de escravos. Os negros da Santa Clara eram vendidos para diversas regiões do país.

O bispo de Cuiabá (Carlos Luiz D'Amour, 1837-1921) vem ao Rio tentar obter do governo auxílios para a fundação de um Seminário em sua diocese. Pe. L. Lasagna comentava com Pe. João Cagliero a situação da diocese cuiabana:

«Pobrezinho, tem apenas nove padres concubinos em uma diocese quatro vezes maior do que a Itália. Ali existem imensas tribos selvagens e o abandono e a miséria moral é horrível».<sup>11</sup>

### Clero regular

Entre os religiosos da época encontravam-se os Redentoristas, os Beneditinos, os Carmelitas, os Franciscanos, os Mercedários e Jesuítas, que haviam retornado após expulsos por Pombal em 1759. As Ordens femininas eram representadas pelas Carmelitas de Clausura e as Franciscanas do Convento da Ajuda<sup>12</sup> no Rio. Os Mosteiros e Conventos masculinos e femininos, de antigas e veneráveis Ordens, também foram atingidos pela crise. No ambiente das religiosas, os problemas surgidos estariam ligados à presença nas comunidades consagradas de mulheres não pertencentes às ordens. As escravas, por exemplo, eram em número superior ao das freiras. Sabe-se porém que as Carmelitas (Clausura) não tiveram maiores dificuldades. O mesmo não se pode afirmar quanto às Franciscanas do Convento da Ajuda. Numa visita em 1870, bastante tensa supomos, Dom Pedro Maria Lacerda presidiu uma reunião comunitária. Na ocasião foi eleita uma nova abadessa que normalizou a situação.<sup>13</sup>

### Mudanças disciplinares

Nos três últimos lustros do Império, a Internunciatura apostólica e o governo iniciaram uma série de medidas com o objetivo de restaurar a disciplina religiosa. Os bispos brasileiros – começando com o de Mariana, D. Antônio Maria Corrêa de Sá e Benevides e o de S. Paulo, D. Lino Deodato – logo se movimentaram dando início assim à denominada *Reforma Eclesiástica*. A cruzada teve o apoio dos religiosos sobretudo dos Lazaristas, os mais fervorosos no que se referia à romanização da Igreja brasileira. O Seminário da Prainha, em Fortaleza, foi um desses laboratórios. Tal era o fervor românico daqueles frades que chegavam mesmo a esquecer as normas cívicas que deveriam observar como estrangeiros. Certa feita, em um Sete de Setembro, quando todos celebravam a Inde-

<sup>11</sup> Luigi LASAGNA, *Epistolario*. Vol. II. (1881-1892). Introduzione, note critiche e testo a cura di Antonio FERREIRA, carta Lasagna-Cagliero, Rio de Janeiro 3 de agosto de 1882.

<sup>12</sup> O Convento da Ajuda desapareceu com o desmonte do Morro do Castelo, iniciado em 1921. Era uma exigência da modernização do Rio. A última Missa no Convento de S. Francisco foi muito concorrida. A demolição daquela Casa religiosa, localizada na atual Cinelândia fez parte dos programas urbanísticos do Rio. O prefeito Pereira Passos, o grande responsável pela modificação da cidade, na época do Presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906), ganhou um busto do artista Rodolfo Bernardelli.

<sup>13</sup> Cf L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., p. 17.

pendência do país, as aulas continuaram no Seminário de Fortaleza, por eles dirigido. Os seminaristas em protesto, simplesmente recusaram a assisti-las e fizeram greve. Bem feito, parabéns jovens!

A idéia de reforma no entanto demorou a decolar, capengando durante os últimos anos do século. Alguns fatores contribuíram para tal: um episcopado envelhecido, com prelados enfermos e sem lideranças continuava à frente das dioceses, ocupando de modo especial as sedes mais importantes.<sup>14</sup> O fato obviamente fazia parte da política do governo. Outro fator preponderante era que movimento reformista não tinha o endosso total dos padres. O grupo de apoio às reformas era bem inferior àqueles que se opunham às mesmas. Faziam parte deste últimos os padres fazendeiros, administradores, os que viviam notoriamente de modo irregular.

### Religiosidade popular

A escassez de padres bem formados que levassem a doutrina às populações do interior e das vilas tinha criado uma situação «sui generis». Em um país ofi-

<sup>14</sup> Pe. Lasagna ao visitar o Brasil, em 1882, encontrou nas doze (12) dioceses da época, vários senhores bispos bastante idosos e enfermos. 1. Na Sede Primacial da Bahia estava, desde 1881, D. Luís Antônio dos Santos, anteriormente primeiro bispo do Ceará. Parcialmente paralisado, contava então com 62 anos. Embora fosse um pastor zeloso, a saúde precária não o deixava agir como desejava. 2. D. Pedro Maria de Lacerda era o bispo da segunda sede mais importante, a do Rio de Janeiro. Era também Capelão-Mor da Capela Real. Tinha problemas de saúde. Através de suas correspondências aos salesianos mostra por vezes certa insegurança. Sofria um pouco de escrúpulo. 3. O bispado de Olinda tornara-se famoso, ali se encontrava D. José Pereira da Silva Barros. Proveniente do Sul, o clima pernambucano não lhe fez bem. Frequentemente estava em S. Paulo e repetidas vezes solicitou a renúncia a D. Pedro II. Na época em que Pe. Lasagna o visitou era um dos mais jovens prelados brasileiros, tinha então 47 anos. 4. Outro bispo jovem era o de Mariana, D. Antônio Maria Corrêa de Sá, 46 anos em 1882. Chegou a pedir um coadjutor ao monarca, pois sofria de paralisia, tendo que ausentar-se em certos momentos da diocese. 5. Em Diamantina achava-se D. João Antônio dos Santos. Faleceu aos 87 anos, já neste século XX. 6. A diocese de S. Paulo, com D. Lino Deodato. Foi também um dos que solicitou os salesianos para sua diocese. Pe. L. Lasagna o visitou em 1883. 7. No Maranhão, visitado também por Lasagna, estava D. Antônio Cândido de Alvarenga, sagrado nos finais de 1878. Entre ele e parte da população e do clero havia certo desentendimento, motivado pela sua intransigência diante da reforma. 8. O bispo do Ceará, quando da visita do Pe. Lasagna àquela terra era D. Joaquim José Vieira. D. Joaquim ficou famoso nos confrontos que teve com o padre Cícero, na chamada Questão do Juazeiro. Também foi bastante intransigente na aplicação da reforma propagada pelos bispos. 9. Outro grande amigo dos salesianos era o bispo de Cuiabá, D. Carlos D'Amour. Nos fins de 1882 encontrou-se em Montevidéu com o fundador dos salesianos no Brasil. 10. Dom Cláudio Ponce de Leão, com 41 anos, em 1882, era o bispo mais jovem e presidia a diocese de Goiás. Muito se esforçou para levar os SDB para a sua diocese. 11. Na cidade de Porto Alegre, o baiano D. Sebastião Laranjeira, era um dos maiores batalhadores em prol da reforma. Desde 1881 que procurou conduzir os salesianos para o Rio Grande do Sul. 12. A diocese mais setentrional e a última visitada pelo Pe. Lasagna e T. Massano era a do Pará. Seu bispo, D. Macedo Costa era então, um elemento de proa no episcopado nacional, o mais destacado. Pela sua liderança e capacidade de articulação foi um dos apresentados pelo governo para ser o primeiro Cardeal brasileiro. Sua influência e entendimentos com o Ministro Rui Barbosa foi altamente positiva na problemática da separação Igreja-Estado.

cialmente cristão e católico, vivia-se na prática uma religião um tanto sincrética que não condizia com as normas cristãs e católicas. O jovem clérigo companheiro de Lasagna em carta escrita do Rio ao término da viagem ao Pará deixou escrito:

«Eis toda a devoção dos brasileiros: ter um belo altarzinho em casa, assistir com frequência à Missa, inscreverem-se em muitas Confrarias e na maçonaria que aqui é quase uma necessidade para se viver comodamente e se alcançar os cargos mais honrosos».<sup>15</sup>

Nota-se contudo, que a fé era dinâmica. O povo participava ativamente, vendo no Catolicismo algo como próprio uma vez que se tratava de uma religião do Estado ao qual pertenciam. As práticas religiosas transmitiam-se de geração em geração, tradicionalmente. Neste sentido, nada mais correto do que dizer que o Brasil é um país tradicionalmente católico, católico por tradição. Religião católica, tradição e cultura popular viviam no Império intimamente amalgamadas, tergêminas.

#### Canudos e Juazeiro do Norte

Dois movimentos político-religiosos acontecidos no final da Monarquia e início da República foi o levante de Canudos<sup>16</sup> na Bahia e Juazeiro do Norte no Ceará. Canudos diz-nos respeito pelo fato de muitos de seus órfãos terem sido recebidos caridosa e carinhosamente pelos salesianos em Recife e Salvador.

<sup>15</sup> A. FERREIRA, *Uruguay e Brasile visti...*, in RSS 3 (1983) 323.

<sup>16</sup> Canudos inicialmente era uma velha fazenda abandonada às margens do Vaza Barris, nos sertões da Bahia. A casa da fazenda à cavaleiro de uma colina, distava uns 200 metros da margem direita do rio. Do lado esquerdo o Conselheiro plantou sua Meca, sendo a Igreja, uma das primeiras edificações. Em nossos dias, encontram-se ainda em suas proximidades, por entre os carrascais, os sinais das antigas trincheiras dos Conselheiristas. A cidade santa do pregador e seus sequazes estava protegida pelas serras do Cambaio e Canabrava e circundada pelas cidades de Monte Santo, Cumbe, Rosário e Cocorobó. Com a chegada de Antônio Conselheiro e os sertanejos que o seguiam, o lugarejo cresceu rapidamente, passando a chamar-se o arraial de «Império de Belo Monte». As residências foram brotando ao redor do templo. As pessoas que chegavam eram numerosas e para atendê-las construíam-se até doze faveiros por dia. As casas eram de barro e pau-a-pique, lembrando a flor do sertão denominada favela. Todas iguais iam subindo pelos morros e quebradas. Só algumas eram cobertas de telhas as que pertenciam aos comerciantes. Ali, todos trabalhavam, todos ajudavam, sob as ordens do Conselheiro. Tudo era em comum, como entre os cristãos dos primeiros tempos. Ricos, pobres, bandidos, velhos e doentes: todos passavam a fazer parte da comunidade de Canudos, depositando nas mãos do chefe tudo o que possuíam. «Bem-aventurados os que sofrem» era o lembrete do líder carismático que se preparava com seus seguidores para um futuro de justiça e prosperidade. Esse tempo, acreditava o pregador dos sertões, viria após o juízo final, quando Dom Sebastião, rei de Portugal, morto pelos Mouros em 1580, voltaria a governar. Os sebastianistas de Canudos acreditavam na profecia. Logo cedo o Conselheiro e sua cidade tornaram-se visados pelas autoridades da Igreja. Aquilo era um reduto de fanáticos e anti-republicanos. Antônio Conselheiro vivia cercado por Doze Apóstolos, todos armados. Jagunços famosos como João Abade ou Pajeú. Mais tarde, durante a guerra que acabou com a segunda aglomeração urbana do Estado, os Apóstolos tornar-se-iam os capitães do líder milenarista.

Alguns autores, como Euclides da Cunha,<sup>17</sup> quiseram ligar o Pe. Cícero a Antônio Conselheiro. Nos Arquivos do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte há um telegrama em que o padre Cícero em 1887, é acusado de ir a Canudos abençoar e ajudar o arraial. Uma calúnia que não vingou, porque destituída de fundamentação histórica. No mesmo acervo documental dos Salesianos há uma Pública Forma desmentindo a notícia.

### O projeto de Dom Bosco na América e no Brasil

Sensível e atento aos sinais dos tempos o santo dos jovens, foi de tal modo atingido pelo fenômeno da juventude pobre e abandonada que lhe dedicou toda a vida *até o último suspiro*. Sua atividade começou em Turim com a Obra dos Oratórios, instituição que recolhia os jovens operários da cidade para dar-lhes alguma assistência material e religiosa.

As preocupações de Dom Bosco e seus missionários na América voltavam-se para os imigrantes e seus filhos, as missões entre os índios da Patagônia, do Mato Grosso e os aborígenes da Amazônia. Na Bahia, onde não havia imigrantes italianos, os objetivos além da juventude pobre e órfãos em geral, eram atender os *ingênuos*, os filhos livres dos escravos, após a Lei do Ventre Livre (1871). Posteriormente foram incluídos os órfãos da guerra de Canudos. Em 1897, quando foi comprada a Chácara do Caranguejo, Pe. L. Giordano se comprometeu a receber alguns órfãos, filhos dos combatentes mortos na guerra dos cafundós baianos.

Nos três volumes do *Epistolario dia Mons. Luigi Lasagna*, aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira, encontra-se um precioso acervo de informações a respeito da primitiva história missionária salesiana no Brasil. O primeiro Inspetor das Américas, Pe. Luiz Lasagna, estabeleceu um plano missionário específico para o país:

1. Assistir aos imigrantes e seus filhos.
2. Evangelizar os *índios*.
3. Cuidar dos *ingênuos*.
4. Ajudar os senhores bispos.

### Os imigrantes

Dom Bosco dotado de rara sensibilidade aos acontecimentos de seu tempo, preocupou-se, além da problemática juvenil com a situação dos imigrantes, no êxodo em direção aos diversos Continentes. O santo pensava particularmente nas dificuldades espirituais e materiais dos italianos que deixavam a pátria.

Nas Américas os países que mais atraíram o fluxo migratório italiano foram a Argentina, o Brasil e os Estados Unidos. Dos três,

<sup>17</sup> Cf Euclides da CUNHA, *Os Sertões*. São Paulo, Editora Cultrix 1973, p. 256.



«O Brasil sempre representou uma espécie de mito no imaginário do imigrante, mais do que a Argentina e os Estados Unidos».<sup>18</sup>

Em 1888, ano da morte de Dom Bosco, as estatísticas mostravam que no Brasil havia 97.730 imigrantes italianos. Este número motivado pela *desastrosa situação interna*, preocupou o governo da Itália que passou a controlar de modo mais rígido o fluxo de seus compatriotas para aquela nação. Um ano depois baixou para 36.124 pessoas e em 1890 para 31.275. Estes números são das estatísticas brasileiras, pois as italianas eram mais baixas, respectivamente: 16.953 e 16.233. O fato indica que as medidas restritivas aumentaram a emigração clandestina.<sup>19</sup>

#### Missões indígenas salesianas e imigrantes italianos

Pe. P. Stella observa que em se tratando de missões Dom Bosco sonhava e pensava no sentido estrito de levar a religião aos infieis, isto é, àqueles que não tinham fé e no sentido mais romântico da época, catequizar os povos cruéis e selvagens.<sup>20</sup>

A corrida missionária para o interior à busca dos indígenas patagônicos ou dos pampeiros passava no entanto pelos imigrantes italianos e seus filhos estudantes nos colégios que paulatinamente iam surgindo. A respeito de imigração italiana e a problemática missionária escreve Gianfausto Rosoli:

«a imigração italiana, [era] a mais necessitada, abandonada e difícil (dominada por anti-clericais e maçons), mas também a mais culturalmente vizinha. Este dado antropológico deve ser sublinhado pelo seu valor missiológico, porque coloca a assistência aos imigrantes na ótica do empenho missionário. Por outro lado, teria aparecido como um contra testemunho para os salesianos, o não dirigir-se aos “seus” conacionais, ameaçados de perder a fé, ao invés de se dirigirem unicamente às populações primitivas».<sup>21</sup>

Pe. João Cagliari dizia claramente que «a missão entre os italianos era mais urgente que entre os índios».<sup>22</sup>

<sup>18</sup> M. REGINATO (a cura di), *Dal Piemonte allo Stato di Spirito Santo...*, p. 3.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 83. Este fenômeno migratório se repete hoje de modo contrário e até mais trágico. Em diversas ocasiões, pois quando a polícia tentou prender os barcos contrabandistas, os novos escravos, mulheres, crianças, jovens e adultos são ameaçados de serem jogados no mar. Da Europa Leste, países do ex-Império Russo, da África e do Oriente médio e remoto acorrem à Europa constantes levas de clandestinos ou não. Alguns, nas horas caladas e frias da noite são literalmente despejados pelos barcos nas praias do Adriático ou do Mediterrâneo. São frequentes os cadáveres de todas as idades e sexos encontrados nos escolhos do Adriático. Os contrabandistas de pessoas cobram fortunas por cabeça.

<sup>20</sup> P. STELLA, *Don Bosco...*, Vol. I, p. 169.

<sup>21</sup> M. MIDALI, *Don Bosco...*, p. 513.

<sup>22</sup> ASC A 1380802: carta Cagliari-Bosco, 4 de março de 1876.

O Boletim Salesiano em artigo de outubro de 1887, cujo título era *Os italianos na América*, se referia aos pedidos dos bispos que chegavam constantemente a Dom Bosco de todas as partes da América do Sul e do Norte. O informativo descrevia as necessidades, as misérias e perigos materiais e espirituais dos imigrantes italianos que lhe suplicavam: «Vinde, vinde, se não fosse por outro motivo, pelo menos para salvar os vossos compatriotas». O periódico continua dizendo que Dom Bosco escutou aquelas vozes persuadido de que era uma sua estrita obrigação confiada pelo Pastor da Igreja universal e da qual ele teria que dar contas ao Senhor da messe.

«O cuidado pelos imigrantes não é senão o princípio de uma imensa empresa que para nós italianos deve ser caríssima. São nosso sangue, são nossos irmãos, aqueles que todos os dias vemos partir para aquelas terras longínquas, muitas vezes abandonados nas praias, onde não pensavam chegar e onde não encontram nada do que haviam sonhado e esperado».<sup>23</sup>

### Ingênuos

Pe. L. Lasagna ficou profundamente impressionado ao saber e observar como viviam as crianças favorecidas pela lei libertadora, mas que ao mesmo tempo abandonava grande parte dos *ingênuos* a viverem aos bandos pelas ruas, praças e caminhos. Em uma de suas cartas a Dom Bosco escrevia:

«Estas criaturas assim favorecidas chamam-se *ingênuos* e em onze anos já são mais de duzentas mil!!... Pense, caro pai, se não são necessários estabelecimentos para acolhê-los, educá-los e dirigí-los pelo caminho do dever e da piedade cristã».<sup>24</sup>

### Bispos

A igreja brasileira vivia então sérias dificuldades de ordem interna. Os salesianos sensíveis à problemática, entrando no Brasil, tinham como uma das tarefas colaborar com os pastores locais.

## 2. Apelo da sociedade baiana e fundações

### 2.1 Os salesianos são conhecidos na Bahia

A presença dos salesianos na terra de Rui Barbosa deve-se de modo particular aos esforços do Arcebispo primaz, Dom Jerônimo Tomé da Silva e da Associação dos Vicentinos. Após diversos tramites com Pe. L. Giordano, diretor do

<sup>23</sup> BS 10 (1887) 121.

<sup>24</sup> L. LASAGNA, *Epistolario*. Vol. II..., carta Lasagna-Veneradíssimo Pai, Rio de Janeiro, [24 de maio] de 1882. E ainda *ibid.*, L. LASAGNA, *Epistolario*. Vol. II..., carta Lasagna-Lacerda, Colégio Pio de Vila Colón, Montevideo, 7 de novembro de 1882.

Colégio Salesiano do Recife conseguiram comprar o sítio do Caranguejo, onde instalariam a obra salesiana da Bahia.

O trabalho começou com a fundação do Liceu Salesiano do Salvador (11 de março de 1900). Foram acolhidos inicialmente alunos carentes, *ingênuos* e órfãos da guerra de Canudos. As oficinas, cerca de um ano, após a inauguração da casa, atendiam 46 jovens aprendizes internos. Não foram poucas as dificuldades iniciais na manutenção do internato. Os benfeitores e o governo ajudavam, enquanto por outro lado os religiosos conseguiam com o próprio trabalho arranjar mais algum subsídio. A situação tornava-se mais difícil pelo fato de o país viver uma crise econômica que atingia o comércio e as famílias de modo geral, tirando-lhes a possibilidade de ajudar as obras beneficentes. As instituições da Igreja que já se ressentiam pesadamente desde a abolição do Padroado não poderiam continuar a assistência caritativa às classes necessitadas. Deveriam procurar outras alternativas, se não quisessem fechar suas portas.

#### Crise econômica e nova perspectiva educacional para o Liceu

O número de alunos carentes atendidos pelo Liceu estava condicionado às eventuais ajudas oferecidas pelo governo, dependia da situação dos benfeitores e da Sociedade em geral. Os problemas econômicos vividos pelo país e pela sociedade influenciavam diretamente no serviço prestado à causa dos órfãos e necessitados acolhidos pelos salesianos baianos.

Outro agravante era uma certa hostilidade para com os estabelecimentos de fisionomia caritativa. Os grupos políticos-econômicos que dominavam o país, os famosos coronéis poderosos e influentes começaram a pressionar as instituições que assistiam aos «jovens pobres e abandonados», no sentido de que recebessem também os filhos dos que podiam pagar sua formação. Caso contrário as ajudas oficiais já minguadas desapareceriam completamente. Assim, sem o respaldo financeiro para continuar suas obras educativo-pastorais as Congregações ou fechavam suas casas ou partiriam para receber alunos que, pagando suas mensalidades pudessem ajudar indiretamente a formação dos que não tinham condições de custear a própria formação.

Na Bahia a continuação da obra começou a perigar. Não sobreviveria, caso não se desse outra solução para o problema, ou seja, fazia-se necessária uma fonte econômica para se continuar trabalho educativo-pastoral da juventude baiana. Diante da alternativa de fechar a obra ou abri-la também para alunos pagantes, aceitou-se a segunda opção. A modalidade já vinha sendo adotada por alguns religiosos, mesmo em fundações salesianas de outras regiões do Brasil e da América platina. Esta solução da via pagante turbou por vezes certas consciências de religiosos, que segundo diziam, não se tinham feito tais para cuidar dos filhos dos ricos.

### Órfãos e artistas

O teatro sempre ocupou no Sistema Salesiano de Educação um alto valor educativo e social. Na Bahia logo no primeiro ano começaram as atividades teatrais.

«Neste dia (16 de setembro de 1900) pela primeira vez, representaram-se várias farsas com um esplêndido êxito dos nossos pequenos atores e com grande admiração e satisfação do público que alcançava mais de duas mil pessoas».<sup>25</sup>

As peças teatrais ou musicais<sup>26</sup> eram freqüentemente escritas pelos irmãos coadjutores ou pelos sacerdotes. Os órfãos realizam sua primeira apresentação<sup>27</sup> diante de uma assembléia de cerca de 2.000 pessoas. Foi um espetáculo comovente aos olhos dos assistentes que viam naqueles pirralhos, ontem sem expectativas e sem futuro, os resultados iniciais da pedagogia do santo de Turim. Nos meses e anos seguintes os meninos do Liceu serão freqüentemente convidados para se apresentarem na capital ou no interior com suas peças teatrais, músicas e declamações poéticas.

Os educadores e seus meninos logo se tornaram conhecidos e estimados além das fronteiras do Recôncavo baiano. Os convites eram inúmeros, ocasionando alguma crítica com respeito às saídas que poderiam prejudicar os estudos. Não cobravam cachê pelas representações, embora sempre recebessem ofertas que lhes ajudavam na subsistência e na educação. Uma das primeiras apresentações no teatro público de Salvador<sup>28</sup> deu oportunidade de se abrir uma pequena loteria para ajudá-los. Na festa de S. José em 1902, além da peça teatral «A Senha de Roncar», os ouvintes puderam aplaudir a primeira sonata pública.

### 2.2 *Economia, novo prédio, externato e pensionistas (1907)*

A reforma urgente do edifício que se deveu processar, logo nos primeiros anos, consumia impiedosamente os Contos de réis amealhados com o trabalho dos salesianos ou através de doações dos benfeitores. Além das poucas verbas, os internos eram ajudados, quando realizavam festivais ou academias organizados pelos Cooperadores.<sup>29</sup> Com certa freqüência podia-se encontrar na imprensa (o *Jornal de Notícias* era um dos mais reconhecidos), comentários sobre os auxílios públicos ou particulares feitos à obra social do Salesiano, aos aprendizes de suas

<sup>25</sup> ACB: setembro de 1900.

<sup>26</sup> Alguns dos dramas e comédias levados pelos alunos, oratorianos, ou ex-alunos: *Doidos a pulso*, *Os três valentões*, *Uma peça bem pregada*, *A escola da Roça*, *O Dr. Maracujá*, *A vingança de Átila*, *O sonâmbulo*.

<sup>27</sup> Em 16 de setembro de 1900.

<sup>28</sup> Em 25 de novembro de 1900.

<sup>29</sup> Não foram encontradas prestações de contas destas importâncias, nem mesmo balancetes mensais ou anuais, sobretudo dos primeiros anos. Em relatório de 29 de agosto de 1911, Pe. Lourenço Giordano diz que as missas foram registradas dia a dia. Falta porém, a nota das esmolas feitas mês por mês (ASC F 545 *Rendiconto dell' Ispettore al Rettor Maggiore*).

cinco oficinas e às práticas agrícolas que eram ministradas na pequena escola agrária.<sup>30</sup>

A assistência financeira oficial ou dos benfeitores estava no entanto, abaixo do mínimo necessário à sustentação da obra. Diante do fato os SDB foram impedidos também na Bahia a abrirem o Colégio para alunos externos e pensionistas pagantes. Uma alternativa, para alguns contrária aos planos do fundador da Sociedade, inicialmente voltado para as classes marginalizadas e populares.<sup>31</sup> No entanto uma solução semelhante já havia sido aplicada em Turim. A aceitação por Dom Bosco do colégio de Valsalice, em uma das colinas do regato Salice, não fora diferente.

Em dezembro de 1907, o Liceu, já equiparado oficialmente, tendo em vista os «recursos insuficientes» para manter o estabelecimento, expede uma Circular comunicando a abertura do Colégio também para alunos pensionistas.

«No intuito de ampliar e desenvolver a propria esphera de acção em favor da juventude, a direcção deste estabelecimento, pezarosa de não poder augmentar o numero dos orphãos, por falta de suficientes recursos, admittirá, como as outras casas salesianas do paiz, alumnos pensionistas mediante modica contribuição. O escopo pelo qual foi instituída esta Casa (pelo menos na intenção dos Cooperadores) era dar instrução e educação profissional gratuita. Mas, e pelas dificuldades de se encontrar esmolas suficientes, não bastam as pouquíssimas e reduzidas pensões dos alumnos, vê-se a necessidade de se aumentar o número dos alumnos pagantes. O Colégio conserva seu primitivo título: Liceu Salesiano do Salvador».<sup>32</sup>

Esta atitude já tinha sido tomada não só em S. Paulo, mas em Niterói e no Sagrado Coração, em Recife. Não foi outro o comportamento dos mesmos religiosos em Montevidéu, quando fundaram o Colégio Pio, onde se encontrava estudando, juntamente com alunos menos abastados, a nata<sup>33</sup> da sociedade burguesa dos fazendeiros e comerciantes não só crioulos e brasileiros, mas também de imigrantes italianos. A alta cúpula da Sociedade Salesiana em Turim, não desconhecia a fato. Anteriormente nos referimos à problemática dos alunos ricos, quando narramos a aceitação por parte de Dom Bosco do Colégio de Valsalice.

O Pensionato incluiria alunos de diversos cursos entre estudantes e aprendizes.

«Para se estender mais longe os benéficos effeitos do seu systema educativo, a direção abriu, com a devida separação e o necessario tratamento, um pensionato no qual, satisfeitas todas as exigências didacticas, admitte alumnos para os Cursos Primario, Commercial (estudantes) e Profissional (Aprendizes)».<sup>34</sup>

<sup>30</sup> ASC F 545: carta Della Valle - Barberis, Bahia, [s. dia] março de 1903.

<sup>31</sup> *Constituições e Regulamentos*, 2, 6, 7 11, 24, 26, 41, 79.

<sup>32</sup> ASC F 545: *Circular de 24 de Dezembro de 1907*.

<sup>33</sup> Cf L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol II..., p. 554, collegi.

<sup>34</sup> ASC F 545: *Estatutos do Liceu*.

Numa das visitas extraordinárias, após a abertura do Pensionato e Externato, o autor se referia à falta de recursos para os alunos órfãos:

«Este ginásio foi aberto nestes últimos anos porque o governo não dava mais subvenções para as Escolas Profissionais e estas, por si sós não podiam sobreviver. Não obstante desde o início tem sido de grave ônus para a casa. Os alunos são ainda poucos e deve-se pagar 12 contos de taxa ao governo. Espera-se que aumentem e assim possamos ter a ajuda que se espera».<sup>35</sup>

Observe-se que o governo não só não ajudava a obra a social do Liceu, mas até usufruía do trabalho realizado pelos salesianos, cobrando taxas, referentes aos 43 alunos, cujas mensalidades ajudavam a educação dos que não tinham condições de pagarem. O Colégio terminou o ano de 1907 com um déficit de 16:239\$000 e um débito antigo de 120:000\$000, oriundo precisamente em grande parte da reforma executada no prédio, quando ameaçava a ruir.

Publicam-se os novos Estatutos do Liceu, explicando os objetivos do estabelecimento, o motivo da recente orientação tomada pela diretoria e ao mesmo tempo, incluindo normas referentes aos alunos Externos. Encontramos dois textos dos Estatutos, ambos sem data. Junto com um deles achava-se a Circular de 24 de dezembro de 1907, acima referida. A conclusão das obras do prédio em dezembro de 1906, dando espaço para a posterior abertura do curso comercial, conforme a citada circular de dezembro, leva-nos a supor que os Estatutos em pauta sejam do ano de 1907. Uma nota em um dos documentos do Arquivo, faz pensar que a segunda cópia seja de 1912.

#### Regulamento de 1907

O Regulamento estabelecia normas para a aceitação de alunos aprendizes ou gratuitos e para os pagantes. O aluno bolsista deveria ser órfão e não ter outra pessoa responsável por ele. Entre os documentos deveriam constar certidões de batismo, vacinação, orfandade, pobreza. A idade oscilava entre onze e treze anos.

A última parte intitulava-se *Advertências* e dirigia-se aos alunos pagantes e seus responsáveis. Apresentamos seu conteúdo principal. O ingresso ao Colégio era às 10h00 e a saída às 16h30. Havia uma mensalidade trimestral paga adiantada. Curso Primário: 20\$000. Comercial (externos): 35\$000. Para comparecer nos dias de festa e passeio cada aluno deveria ter duas calças brancas, um paletó preto e um chapéu de palha branca. Todos deveriam se conformar inteiramente com o regulamento interno. Além do tempo marcado para férias de dezembro a fevereiro, concedia-se durante o ano, a pedido dos pais e a título de prêmio, três saídas, devendo-se retornar na hora designada pelo Diretor que limitava as férias dos aprendizes.

Os estudantes poderiam ser visitados nos domingos, dias santos e quintas-feiras, no tempo de recreio ou de estudo. Os aprendizes podiam ser visitados aos

<sup>35</sup> ASC F 545: [s. d. a.]. Documento sem data e sem o nome do autor. Visita extraordinária, data desconhecida. Possivelmente tenha sido feita pelo Pe. Giordano.

domingos e dias santos. Para as pessoas do interior a visita era permitida em qualquer dia. As pessoas estranhas à família deveriam trazer uma autorização dos pais. De dois em dois meses o Diretor mandava aos genitores ou tutores um boletim referente à saúde, estudo, trabalho e conduta. Proibia-se guardar ou andar com objetos de valor, canivetes ou dinheiro que se recebesse das famílias. Tudo era guardado, especialmente dinheiro, fornecendo-se à medida que o aluno precisava. As oficinas do Colégio, se o aluno desejasse, se encarregavam da confecção das roupas e sapatos. No caso, recomendava-se aos pais ou benfeitores que deixassem antecipadamente a importância destinada para tais fins. Os pedidos para a admissão deveriam ser dirigidos à diretoria do colégio, apresentando-se a documentação necessária.

Entre as condições para o menino ser admitido estava a de freqüentar regularmente o Oratório festivo, aberto todos os domingos e dias santos das 8 às 9<sup>1/2</sup> horas e das 14 às 17 horas. A entrada para as aulas era às 10 da manhã e a saída às 16<sup>1/4</sup>. O uniforme colegial era indispensável para todos: dois pares de calças brancas compridas e um paletó preto, para comparecer nos dias santos e festas, aos teatrinhos, passeios, etc. Os alunos deviam comparecer ao Liceu asseados e decentes na pessoa e vestido. A entrada no Colégio, após qualquer ausência não autorizada, exigia uma justificação dos parentes ou tutores declarando o motivo do não comparecimento.

Não se podia introduzir no colégio livros estranhos às aulas, jornais ou revistas de qualquer espécie nem receber ou transmitir recados, cartas ou encomendas aos educandos. A portaria era um lugar de passagem, não para se ficar conversando. Mesmo nas ruas, quer indo ao colégio, quer voltando não se podia demorar, conversando com colegas. Eram excluídos dos exames semestrais e finais os alunos que não obtivessem aprovação nos exames de catecismo ou tivessem faltado a um número de vezes igual à metade das lições. Cada um devia acostumar-se à disciplina, ao trabalho e à ordem em tudo; ocupar bem o tempo; fugir dos maus companheiros e das leituras más e ter como fundamento do seu progresso intelectual e moral o santo amor de Deus. Pedia-se instantemente aos parentes ou tutores que enviassem todos os dias pontualmente seus protegidos à escola dando-lhes sempre o tempo necessário para cumprirem com diligência seus deveres escolares; que procurem tomar muitas vezes informações ao Diretor sobre o aproveitamento e a conduta de seus interessados.

### Semi-internato

Os semi-internatos nunca foram de grande expressão em nossos estabelecimentos educacionais. Uma manutenção muito dispendiosa, sobretudo no que dizia respeito à alimentação. As mensalidades tornavam-se muito próximas à dos internatos, o que constituía um problema para a instituição e para a família.

A primeira informação que tivemos sobre o semi-internato da Bahia vem de 1919, quando havia 13 aprendizes semi-internos. Daquele ano até 1942, os semi-

internos foram sempre em número reduzido, havendo, momentos em que houve dois e três alunos. Reaberto em várias ocasiões teve sempre reduzido o número de alunos, até que foi definitivamente fechado.

### Escolas Profissionais salesianas da Bahia

«Muitos estudantes custearam seus estudos na universidade, trabalhando como encadernadores na oficina do Colégio Salesiano. Existem advogados, engenheiros, presidentes de bancos e usinas que aprenderam a ser encadernadores nessas velhas máquinas».<sup>36</sup>

As Oficinas do Liceu Salesiano começaram a funcionar em 1º de fevereiro de 1901.

«Não se esqueça que as escolas e as oficinas abertas no dia primeiro de fevereiro continuam alacrememente e com proveito. Muitos jovens pedem para ingressar no Colégio, mas a pequenez do lugar não o permite».<sup>37</sup>

Os primeiros trabalhos realizados pelos órfãos, aprendizes das cinco oficinas e da pequena Escola Agrícola, foram mostrados publicamente, de 27 de dezembro de 1903 a 3 de janeiro de 1904. A exposição foi visitada por um bom grupo de pessoas, curiosas por observarem o que se pode construir com um trabalho sério e dedicado junto a jovens, antes sem presente, nem futuro. A transformação dos meninos de rua em profissionais saídos das Escolas salesianas era mais uma prova de que os educadores que ocupavam a Casa do Caranguejo tinham vindo para modificar o ambiente social citadino.

As Atas do Colégio falam das Comissões julgadoras que nos primeiros anos, convidadas pelo Diretor do Liceu, compareciam nos meses de novembro ou dezembro para julgamento dos trabalhos dos meninos artífices. Delas faziam parte figuras como o interventor do Município e o presidente da Secretaria de Artes e Ofícios. Os melhores trabalhos faziam parte das Exposições. O Boletim Salesiano comentava a exposição de 1903:

«A exposição das Escolas Profissionais do Instituto Salesiano que aconteceu no último mês de dezembro passado foi uma clara prova do grande progresso feito por aqueles colaboradores<sup>38</sup> e da aprendizagem prática e elaborada que se administra àqueles jovens internos. Na exposição concorreram trabalhos das oficinas de alfaia-

<sup>36</sup> ACB: *Tribuna da Bahia* [s. d.]. Entrevista do Sr. Orlando Climério. (Atualmente funcionário das Oficinas do Liceu, onde ingressou em de 2 de fevereiro de 1931), sem data.

<sup>37</sup> ACB: *Crônica*, 4 de março de 1901.

<sup>38</sup> Os mestres das oficinas na época eram todos leigos. Dom Jerônimo escrevendo ao P. Rua em carta de 09/03/1904, comenta o fato, julgando-o negativo. Certos profissionais contratados para nos auxiliarem, não se interessavam em transmitir os conhecimentos aos nossos alunos. Temiam que os jovens aprendizes aprendendo a arte, viessem ao depois substituí-los no emprego. Pessoalmente, trabalhando treze anos em Salvador, constatei o fato.



taria, sapataria, encadernação, tipografia e marcenaria. Alguns livros encadernados atraíram a admiração de todos e, no gênero foram julgados perfeitos».<sup>39</sup>

A segunda mostra aconteceu em novembro de 1904. Muito visitada pelo povo em geral e elogiada por uma comissão de técnicos. A ocasião deu motivo para que surgissem mais alguns benfeitores da obra beneficente. O Boletim Salesiano, cinco meses mais tarde, comunicava o acontecimento a todos os seus leitores nos seguintes termos:

«BAHIA (Brasil). No Colégio Salesiano de Salvador inaugurou-se no dia 20 de novembro passado, uma pequena exposição dos trabalhos executados pelos alunos das Escolas Profissionais do Colégio. Uma comissão de técnicos examinou a mostra e seu parecer foi altamente lisonjeiro. Um contínuo suceder-se de admiradores visitou a pequena exposição nos poucos dias em que esteve aberta. Alguns beneméritos senhores vendo o bem que ali se faz, se dispuseram a ajudar a tão providencial instituição».<sup>40</sup>

A obra de Niterói, com sua Escola Profissional completou seus 25 anos em 1908. Uma das comemorações programadas foi a realização de uma Exposição Nacional de Escolas Profissionais Salesianas. Pe. L. Giordano e o Diretor Pe. C. Sironi já haviam deixado a Bahia e se encontravam a bordo do S. Salvador, quando souberam que os festejos haviam sido adiados.<sup>41</sup> Mesmo assim, seguiram viagem, levando o material da Escola do Liceu. Realizada a exposição e o julgamento das amostras, a encadernação recebeu medalha de ouro, a tipografia medalha de prata e a Instituição Liceu Salesiano da Bahia ficou com a medalha de ouro.<sup>42</sup>

#### Localização das oficinas

Desconhecemos o lugar onde inicialmente as oficinas do Liceu foram instaladas.<sup>43</sup> Supomos no entanto que o funcionaram nos galpões existentes a alguns metros da mansão J. de Pinho, um local húmido e estreito.<sup>44</sup> As diversas visitas e relatórios inspetoriais relativos aos primeiros anos, alguns apresentando certas lacunas (incompletos ou faltando informações durante diversos anos), não esclarecem muito sobre o assunto.

Sabe-se porém que até 1920, peregrinaram por três lugares diferentes: nos galpões que existiam na Chácara ou no próprio térreo do mesmo sobrado Caranguejo, o que é menos provável, uma vez que ali funcionava o colégio e se encon-

<sup>39</sup> BS 5 (1904) 155.

<sup>40</sup> BS 3 (1905) 91.

<sup>41</sup> Procuramos saber o motivo do adiamento. Os autores lidos não nos responderam a questão. Um dos salesianos da atual comunidade de Niterói afirmou-nos que na época os índios Xavantes, participantes do evento, foram acometidos por uma diarreia geral. O fato teria impedido a presença deles na exposição nos dias preestabelecidos.

<sup>42</sup> BS 4 (1909) 125.

<sup>43</sup> Em 1º de fevereiro de 1901.

<sup>44</sup> ACB: *Crônica*, 18 de agosto de 1905.

trava também a residência dos salesianos; em 1905, no primeiro andar do prédio novo ainda inacabado;<sup>45</sup> em fevereiro de 1912, transferem-se para o galpão comprado em uma usina falida, desativada pela crise econômica.<sup>46</sup>

A partir do ano de 1918, com o Inspetor Pe. Pedro Rota, as oficinas tiveram suas marchas e contra marchas, não apenas economicamente mas também no que diz respeito ao relacionamento aprendizes e estudantes externos. A problemática chegou a ser discutida em algumas reuniões da comunidade. Ao finalizar a visita no último ano da Primeira Guerra Mundial, o Provincial recomendava que se procurasse pouco a pouco fazer com que desaparecessem as diferenças de tratamento entre aprendizes e estudantes,

«até porque muitos deles provêm de ambientes pouco favorável à boa educação. Devemos acolhê-los com maior cuidado, a fim de formá-los mais convenientemente para a sociedade».<sup>47</sup>

Observamos que naquele ano os alunos começavam a aumentar, em relação aos aprendizes. É possível que diante do fenômeno os responsáveis pela instituição que se tornava pedagogicamente mais exigente e complexa, não tenham usado o tino suficiente para tocarem normalmente a obra. Um outra recomendação do Pe. P. Rota era que se cuidasse da regularidade e exatidão das prescrições quanto ao «nosso Regulamento».

#### Pedidos de fundações

Encontramos no ano da fundação do Colégio Santa Rosa, duas correspondências solicitando aos salesianos a aceitação de uma obra Pia no bairro da Calçada, em Salvador. Os pedidos são de maio e junho de 1883. Trata-se de uma Casa Pia e Colégio dos Órfãos de S. Joaquim,<sup>48</sup> situada na Cidade Baixa. O senhor Luiz Rodrigues Dutra, provedor da entidade beneficente, escreve ao Arcebispo, a fim de que o prelado conseguisse a aceitação do Colégio por parte dos salesianos. A solicitação chega às mãos do Pe. L. Lasagna que então se encontra no Rio.

O primeira carta é do Sr. José Augusto Figueiredo, escrita ao amigo Luiz Rodriguez Dutra, cujos filhos estudam com os Salesianos em Niterói. Na segunda correspondência, sem data, o senhor L. Dutra remete-se ao Padre Luiz Roca,<sup>49</sup> so-

<sup>45</sup> ACB: *Crônica*, 18 de setembro de 1905.

<sup>46</sup> ACB: *Crônica*, 10 de outubro de 1909.

<sup>47</sup> ACB: *Visita Inspetorial* de 1918, Pe. Pedro Rota.

<sup>48</sup> Obra de caridade, situada em uma grande propriedade, inicialmente pertencente aos Jesuítas. Posteriormente doada pelos Reis do Brasil e Portugal a Dom João VI, a fim de servir como abrigo a órfãos desamparados, protegidos pelo Imperador. Competia ao Presidente da Província aprovar as eleições realizadas pela administração, embora o governo não intervisse na obra.

<sup>49</sup> Pe. Luiz Rocca nasceu em Milão em 1853, e faleceu em Turim em 1909. Em dezembro de 1875, ordenou-se sacerdote indo para Alássio, onde passou cerca de 20 anos. Em 1895, Pe. Rua o faz Ecônomo Geral.

licitando «a mão caridosa de um salesiano» para a Casa Pia dos Órfãos do S. Joaquim, ao mesmo tempo mandando os Estatutos do Colégio. Os Salesianos não puderam aceitar o pedido. Não havia pessoal suficiente.<sup>50</sup>

Há outras solicitações para obras salesianas em Ondina, 1901; Conceição do Coité, 1903 e ainda nos tempos do Pe. L. Giordano uma para a Cidade de Nazaré. Não houve condições para os salesianos atenderem àqueles pedidos. Passaram ao invés a pensarem em uma obra em Sergipe, assunto que passaremos a descrever em seguida.

### 2.3 Fundações em Sergipe

#### Tebaida

Aos 19 de março de 1902, com a presença do governador do Estado, Monseñor O. Campos, procedeu-se a inauguração da primeira obra salesiana de Sergipe, a Escola Agrícola Salesiana S. José da Tebaida.

Os primeiros anos foram de desbravamento das terras para funcionamento da Escola Agrícola. O Coadjutor Olavo Almeida observa que sob a proteção do governo do Estado a obra prosperava chegando mesmo a aumentar a área geográfica. A ajuda mensal prometida e legalizada não faltava aos educandos. Começou uma nova vida simples e bucólica na fazenda ocupada pelos missionários ítalo-baianos. A presença dos salesianos fez com que surgisse na vizinhança a *Vila Dom Bosco*.

«Novos agricultores vieram pôr-se ao lado dos jovens agrícolas para imitar-lhes os exemplos de um trabalho constante e gozar de sua alegre convivência – e assim constituiu-se perto da Escola, a *Villa D. Bosco* com suas casinhas de agradável aspecto. Tudo isto foi se realizando debaixo das vistas e sob a acção de jovens; muitos dos quaes, sahindo da Escola, levaram com a educação o amôr ao trabalho e a gratidão profunda por aquelles que em seu desamparo lhes estenderam a mão caridosa».<sup>51</sup>

#### Aprendizes e estudantes

Na Tebaida os garotos aprendizes ocupavam o tempo, parte na agricultura e parte nas demais oficinas: marcenaria, sapataria, alfaiataria, serralharia, carpintaria e padaria. Recebiam aulas de português, aritmética, história do Brasil, geografia, agricultura teórica, escrituração mercantil e instrução moral e cristã. Os alunos que tivessem aptidão podiam também assistir aulas de declamação, desenho, música vocal e instrumental. Outro grupo era composto pelos estudantes ou pensionistas. O ensino dividia-se em três cursos: *Inferior, Médio e Superior*.

<sup>50</sup> ASC F 545.

<sup>51</sup> ASC F 730: *Escola Agrícola São José da (Thebaida)*. Bahia, Escola Typográfica Salesiana 1910.

### Atividades sociais e religiosas

A primeira «pequena academia» aconteceu aos 22 de junho de 1902. Durante o almoço os meninos declamaram algumas poesias muito aplaudidas pelos presentes. Após a apresentação choveram convites para festas religiosas ou profanas nas cidades do interior e na Capital.

Ao tomar posse da Escola S. José em 1902, Pe. Luiz Pasquale tentou imprimir um «modus vivendi» que se assemelhava à vida nos Seminários ou Aspirantados. O calendário religioso seguido à risca durante o ano, constava em 1908, de 35 celebrações. O Sr. bispo sempre que podia fazia-se presente, celebrando Missa cantada.

### Noviciado na Tebaida

Pe. L. Giordano quando Inspetor resolveu recolher os noviços e aspirantes espalhados pelas casas da Inspetoria, reunindo-os em Sergipe. O fato aconteceu no início de 1903. A obra tebaidense passou a ter duas realidades: a Casa de Formação com aspirantes e noviços e a Escola Agrícola. O noviciado era «sui generis» pois, além de a casa não apresentar as condições edíficas necessárias, faltava ainda a aprovação canônica, acontecida só em 1904.<sup>52</sup>

Em novembro de 1905, não havia mestre, nem assistentes. O noviciado estava destruído e envolto em doenças. Todos os noviços se encontravam enfermos. No início de 1906, foram trasladados para a Sede Inspetorial no Recife e em outubro para Jaboatão-Colônia.<sup>53</sup>

### Dezoito anos de lutas, suores e lágrimas

A Tebaida no início parecia que daria certo. Não foi porém o que aconteceu. Os recursos inspetoriais e oficiais carreados para a escola não foram suficiente para domesticar um terreno sáfaro, doentio e isolado onde, segundo um de seus habitantes só havia de bom o ar e a água.

«Aqui só existem duas coisas boas: ar e água. Nada mais presta. A casa é de taipa (paus com barro) e de pouca duração. Aliás, uma parte está para cair. Todos dizem que o terreno é ruim, agricultores e não agricultores. Gasta-se muito mais do que aquilo que se recolhe. O lugar é longe de tudo (cerca de 18 kl, da capital)».<sup>54</sup>

A vida nos tabuleiros tebaidenses sempre foi difícil. As dificuldades e crises jamais deixaram de existir, agravando-se em três momentos: em 1905 com a morte de Mons. O. Campos; em 1916 com a ida de Mons. L. Giordano para a região missionária do Rio Negro, complicando-se mais ainda com sua morte nas selvas setentrionais, em 4 de dezembro de 1919.

<sup>52</sup> ASC F 545.

<sup>53</sup> C. LEÔNICIO, *Sete Lustrros...*, pp. 50-54.

<sup>54</sup> ASC F 385: carta Blangetti-Rinaldi, Aracaju-Thebaida, 26 de fevereiro de 1910.

Em 1920, estavam na Escola S. José, «sem ter o que fazer», o Diretor Pe. Pedro Ghislandi e dois irmãos coadjutores. O Conselho Insuperior resolve estudar corajosamente o assunto. A 28 de maio de 1920, encontraram-se em Aracaju, o Inspetor Pe. P. Rota, o diretor Pe. P. Ghislandi, Pe. Antônio Vellar e Pe. José Selva. O parecer do grupo foi contrário à continuação da Escola São José. A decisão seria comunicada aos Superiores de Turim «para termos sua determinação». No mesmo ano de 1920, os salesianos deixaram definitivamente a Tebaida, então mais uma vez abandonada.

#### Oratório Nossa Senhora Auxiliadora e Colégios da Capital

O oratório festivo de Aracaju foi aberto, segundo os relatórios do Pe. Lourenço Giordano, encontrados nos ASC, em 1908. No primeiro ano com poucos jovens, no ano seguinte matriculou trezentos meninos.

Em 1911 inicia-se na Rua da Aurora um Colégio do qual faz parte um grupo de alunos antes pensionistas na Tebaida. Surgia assim o primeiro estabelecimento católico, apostólico romano da comunidade aracajuense. Havia um outro protestante não muito bem visto pela população.

A grande aceitação, o número elevado de matrículas que não podiam ser atendidas fez com que os salesianos procurassem outro local. A nova sede passou para a Rua Pacatuba/Maruim, mais central, embora ainda pequena e em termos de higiene e asseio, deixasse a desejar.

Em novembro de 1913 nova peregrinação, desta vez para um bairro periférico que o povo denominou de Tebaidinha. Os alunos no primeiro ano diminuíram, aumentando porém o número dos oratorianos. Paulatinamente a nova instituição se desenvolvia e crescia em aceitação diante da sociedade sergipana. Em 1920 com a direção do Pe. José Selva já se apresentava como um dos mais florescentes educandários da Inspeção.

#### Oratório Venerável Dom Bosco

Uma outra fundação de cunho sócio-pastoral, cuja origem e desenvolvimento teve a presença direta dos salesianos de Aracaju, foi o denominado Oratório de Da. Bebé. Fazia-se necessária uma obra que cuidasse das meninas. O Pe. A. Lazzari, diretor do Colégio, sentia e se preocupava com o problema. Enquanto aguardava a presença das FMA resolveu iniciar, juntamente com uma jovem dinâmica e caridosa chamada Genésia Fontes, uma pequena obra social destinada exclusivamente às meninas. Chamou-se Oratório Dom Bosco,<sup>55</sup> fundado em 16 de agosto de 1914.

O começo foi árduo e fadigoso, mas Genésia Fontes enfrentou as dificuldades e começou o trabalho. Pe. A. Lazzari, coordenador da obra, e Da. Bebé montaram

<sup>55</sup> Conhecido também por Oratório Venerável Dom Bosco, Oratório da Bebé ou Dona Bebé.

seu primeiro Oratório na sala de uma casa particular, pertencente a uma senhora chamada Ceciliana,<sup>56</sup> humilde charuteira que vivia no bairro do bairro Carro Quebrado, área do atual S. José. Na saleta as meninas recebiam aulas de religião e no quintal da residência faziam recreação. Participavam das missas, bênçãos do Santíssimo e primeiras comunhões no Oratório da Tebaidinha.

O desenvolvimento urbano invadiu o quintal de Da. Ceciliana obrigando-a a procurar outro local. Após uma série de dificuldades a extraordinária Bebé conseguiu com seu trabalho e economias comprar uma humilde casa de taipa no bairro da Cirurgia, esquina da Rua Dom Bosco com Desembargador Maynard. O imóvel, coberto com folhas de coqueiro, foi adaptado internamente, tornando-se um pouco mais funcional. Pela manhã, as meninas tinham aulas do Curso Primário e à tarde, Catecismo e trabalhos manuais. Em 1919 teve início no Oratório D. Bosco um pequeno orfanato. Os salesianos continuaram presentes, com sua assistência espiritual e material à obra. Logo mais será inaugurado um novo prédio, cuja planta foi desenhada a pedido do Pe. J. Selva, substituto de Pe. A. Lazzari.<sup>57</sup>

### 3. Conclusões

#### 3.1 Bahia

Os salesianos ao iniciarem sua nova obra na Inspetoria São Luiz Gonzaga, logo trataram de por em prática o próprio objetivo pedagógico-pastoral. O Liceu passou a ser um dos pontos de referimento da velha urbe de Tomé de Sousa. Em pouco tempo, tornou-se um centro de encontro de autoridades religiosas, políticas e militares que freqüentavam prazerosamente as festas religiosas e sociais organizadas pelo Colégio.

O bairro de Nazaré passou a ouvir e observar com alegria a azáfama dos novos inquilinos da mansão portuguesa. Antes criaturas incômodas, perambulando nas praças e ruas da cidade, agora reunidos e educados pela caridade dos religiosos estrangeiros e nacionais. As famílias, as autoridades religiosas e políticas estavam sempre presentes aos eventos sociais, religiosos e educacionais do educandário. Além de governadores, a casa foi visitada por autoridades como o presidente Washington Luiz e comandantes militares.

A caminhada não era fácil, mas ajudados pela sociedade, a obra seguiu avante, oferecendo formação profissional, acadêmica e religiosa. Quando as crises econômicas ameaçaram-na fechar, a saída foi admitir também alunos pagantes.

Apreciava-se o Sistema salesiano de educação. A ressonância social alcançada pelos padres de Valdocco penetrava capilarmente não apenas na Metrópole, mas até

<sup>56</sup> Algumas destas informações foram colhidas em apontamentos feitos pelo Prof. Luiz de Oliveira.

<sup>57</sup> L. de OLIVEIRA, *Centenário da Presença Salesiana...*, Vol. II. Recife, Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios 1994, pp. 78-81.

fora do Estado baiano. Cultores da música, do teatro e do esporte como eficazes meios pedagógicos, os educadores da colina de Nazaré criaram com seus alunos escolas de cantos e grupos teatrais frequentemente convidados para se apresentarem nas Igrejas e praças de Salvador ou das cidades do interior. O mesmo acontecia com os times de futebol dos internos.

Organizavam-se atividades teatrais, não só com alunos, mas também com ex-alunos que ao terminarem os cursos no Colégio fundaram a associação dos antigos alunos. Outro grupo de jovens atendidos eram os chamados oratorianos, rapazes que se reuniam nos ambientes liceanos para participarem de jogos, assistirem aulas de catecismo e formação social.

Paralelamente à atividade pedagógica de seus educandos, os salesianos procuraram despertar e desenvolver a fé naqueles que ingressavam na escola ou participavam das funções religiosas na capela do Liceu. Estavam presentes como capelães de hospitais, de colégios, ou eram frequentemente convidados para serviços pastorais no interior. As solenidades religiosas da velha Catedral da Sé e do Santuário do Senhor do Bonfim, durante vários anos foram abrilhantadas pela presença dos padres de Nazaré e seus meninos músicos e cantores.

A devoção a Nossa Sra. Auxiliadora na Bahia, iniciada nas humildes capelas do Liceu foi um sinal da chegada dos seus devotos à região.

Ao fecho destas páginas concluímos que os objetivos iniciais (*órfãos e ingênuos*) propostos pelos religiosos da colina de Nazaré e pela sociedade que os convocou, foram plenamente alcançados, enquanto as condições sócio-econômicas lhes permitiram agir. Quando, impelidos pela história, foram obrigados a aceitarem a via pagante os cuidados com os jovens carentes continuaram ao lado das atenções também para outros grupos de jovens mais bafejados pela sorte.

Não se tratou de uma mudança de objetivos, mas de uma ampliação do leque sociológico. Os jovens pobres continuam sendo matriculados nos cursos profissionais do Liceu, opções hoje mais numerosas e sofisticadas. O Estabelecimento continuou mantendo suas Escolas Profissionais, juntamente com o Colégio. A história da Colina piemontesa de Valsalice repete-se parcialmente no outeiro baiano de Nazaré.

### 3.2 *Sergipe - Tebaida*

A obra sergipana foi mais tumultuada e sofrida que a do Sul de suas fronteiras. Os mesmos salesianos da Bahia com o Vice-Inspetor Pe. L. Giordano iniciaram-na em 1902. Foi implantada numa antiga Colônia Agrícola, abandonada pelo governo a 18 km ao Sul de Aracaju. Sua existência acidentada durou 18 anos, quando foi abandonada pela segunda vez. Os teбайдenses foram definitivamente para a Capital, onde mantêm um florescente oratório com escola e o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Por que os técnicos agrários da Escola Agrícola S. José da Tebaida, capitaneados por Lourenço Giordano não conseguiram conduzi-la por mais anos? Por que

hoje sua história é apenas lembrada, enquanto vão sumindo os alicerces de suas quase centenárias construções e definhando ou desaparecendo inexoravelmente as vetustas árvores plantadas e regadas pelos intrépidos missionários?

Poderíamos assinalar alguns fatores como fundamentais no rápido ocaso daquela obra salesiana. Segundo nosso ponto de vista, o terreno sáfaro e a mentalidade anti-agrária do povo suplantaram a falta de recursos. A Tebaida não podia vingar porque além do mais era contra a nossa história, nossa tradição e nossa cultura. Trabalhar no campo é um tanto quanto pejorativo, servil e humilhante. O ideário popular excomunga o campo. Cultivar a terra é uma atividade própria de escravo, ou de quem não quis ou não teve condições de aprender a ler e escrever. As famílias queriam e querem seus filhos, não armados de enxadas ou foices mas, deixando as Faculdades, embora despreparados, ostentando anéis nos dedos e canudos enrolados nas mãos, onde se encontra escrito o título de «Doutor». O lugar deles é o escritório, engravatados e de colarinhos brancos.

Os técnicos agrícolas da sofrida Tebaida tinham ideal e boa vontade. Faltava-lhes porém o entendimento histórico e psicológico de um povo, ainda chagado, revoltado e com certa carga de complexo com sua história, feita em parte por uma raça seqüestrada além mar, para ser humilhada e martirizada do outro lado do Atlântico. Por estas razões as Escolas Agrícolas entre nós, mesmo em outras áreas do país, não decolaram para grande vôos. As Escolas Comerciais, ao contrário escreveram outra história.

O assunto Tebaida certamente não foi esgotado. Esperemos que outros pesquisadores possam iluminar certas sombras que ainda existem. E respondam satisfatoriamente à indagação surpresa do frade de S. Cristóvão que não compreendia como se continuava a viver em um lugar como aquele.

### 3.3 Sergipe - Aracaju

As obras da Capital sergipana, *Oratório Nossa Senhora Auxiliadora*, *Colégio Nossa Senhora Auxiliadora* e *Oratório Venerável Dom Bosco* tiveram normalmente seus percalços iniciais. Não foi porém necessário muito tempo para que se firmassem, constituindo através dos anos instituições significativas no contexto sócio religioso de todo o Estado.